



ALINE SILVA MUNDIM

**RESGATE HISTÓRICO E PAISAGÍSTICO DA PRAÇA DOS
EXPEDICIONÁRIOS, SÃO JOÃO DEL REI – MG**

**LAVRAS - MG
2017**

ALINE SILVA MUNDIM

**RESGATE HISTÓRICO E PAISAGÍSTICO DA PRAÇA DOS
EXPEDICIONÁRIOS, SÃO JOÃO DEL REI - MG**

Dissertação apresentada à
Universidade Federal de Lavras, como
parte das exigências do Programa de
Pós-Graduação em
Agronomia/Fitotecnia, área de
concentração em Produção Vegetal,
para a obtenção do título de Mestre.

Profa. Dra. Patrícia Duarte de Oliveira Paiva

Orientadora

Profa. Dra. Schirley Fátima Nogueira da Silva Cavalcante Alves

Coorientadora

**LAVRAS - MG
2017**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

Mundim, Aline Silva.

Resgate histórico e paisagístico da Praça dos Expedicionários,
São João Del Rei - MG / Aline Silva Mundim. - 2017.

39 p. : il.

Orientador(a): Patrícia Duarte de Oliveira Paiva.

Coorientador(a): Schirley Fátima Nogueira da Silva Cavalcante
Alves.

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de
Lavras, 2017.

Bibliografia.

1. Paisagismo. 2. Praças históricas. 3. Estrada Real. I. Paiva,
Patrícia Duarte de Oliveira. II. Alves, Schirley Fátima Nogueira da
Silva Cavalcante. III. Título.

ALINE SILVA MUNDIM

**RESGATE HISTÓRICO E PAISAGÍSTICO DA PRAÇA DOS EXPEDICIONÁRIOS, SÃO
JOÃO DEL REI - MG**

***ANALYSIS OF HISTORICAL AND LANDSCAPING EVOLUTION OF
EXPEDICIONARIOS SQUARE, SÃO JOÃO DEL REI - MG***

Dissertação apresentada à
Universidade Federal de Lavras, como
parte das exigências do Programa de
Pós-Graduação em
Agronomia/Fitotecnia, área de
concentração em Produção Vegetal,
para a obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 24 de março de 2017

Profa. Dra. Schirley F. Nogueira da Silva Cavalcante Alves
Profa. Dra. Rosangela Alves Tristão Borém
Dra. Simone Novaes Reis

UNILAVRAS
UFLA
EPAMIG

Profa. Dra. Patrícia Duarte de Oliveira Paiva
Orientadora

**LAVRAS – MG
2017**

Aos meus pais, Solange e Alexandre, minhas raízes que me sustentam e me fortalecem.

Ao meu marido, Marcelo pelo amor, carinho e amizade.

Dedico

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Lavras e ao Departamento de Agricultura pela oportunidade, e aos professores que me auxiliaram nessa etapa.

Ao CNPq pela concessão da bolsa de mestrado e à FAPEMIG pelo financiamento desse projeto (APQ 03595 e APQ 02396-14).

À Deus por me abençoar todos os dias com saúde, e iluminar meus pensamentos.

À minha orientadora, Professora Patrícia Paiva e à minha coorientadora, Professora Schirley Alves, pelos ensinamentos e por serem fontes de inspiração e de apoio.

Aos funcionários do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), do Museu Regional, do Instituto Histórico e Geográfico (IHG) de São João Del Rei, pela ajuda para realizar essa pesquisa.

Aos meus companheiros de projeto Rafael, Mariel, Cecília e Francilene, pelo trabalho em equipe e pelo companheirismo.

Aos companheiros de pós-graduação e aos membros do NEPAFLOR pelos ótimos momentos juntos e crescimento diário.

Aos meus amados pais Solange e Alexandre, que são minha razão de viver, que me transmitem todo dia carinho, apoio e amor incondicionais. E à toda minha família.

Ao meu marido Marcelo pelo amor, amizade e parceria.

MUITO OBRIGADA.

“The world of learning is akin to the world of plants: a stem is nothing without a root at one end and a flower at the other.” (Jan Ziolkowski)

RESUMO

As praças construídas no Brasil a partir do século XVIII e XIX, sobretudo àquelas localizadas ao longo da Estrada Real possuem estrutura típica desse período, com traçados retilíneos, localização próxima às igrejas e alguns canteiros floridos. A cidade de São João Del Rei-MG emergiu nesta região, mais especificamente no Caminho Velho da Estrada Real, a partir da exploração de ouro no século XVIII. Assim, este estudo teve como objetivo o levantamento histórico e paisagístico da Praça dos Expedicionários, uma das praças localizadas no centro histórico de São João Del Rei-MG. A metodologia utilizada consistiu da análise inventiva associada à análise subjetiva e às indicações para a preservação de jardins como patrimônio histórico. O estudo da evolução da área foi baseado na análise de alterações morfológicas ocorridas na praça e em seu entorno durante o desenvolvimento da cidade. Baseando-se nas informações coletadas, observaram-se modificações tanto na estrutura quanto na toponímia dessa praça. O desenho da praça tem características de estilo eclético, com pedras irregulares no seu interior e canteiros com caminhos geométricos, típicos da urbanização do final do século XIX e início do século XX. As plantas utilizadas consistem principalmente de árvores e arbustos ornamentais, sem um aparente planejamento lógico. A importância da praça está ligada ao uso da população, assim como ao prédio no pavilhão acima da mesma, que influenciou algumas de suas mudanças, além da região em que ela está inserida ser considerada como um local nobre da cidade. E ainda por ter sido o local escolhido para abrigar o Chafariz da Legalidade, marco da história de São João Del Rei.

Palavras-chave: Jardins históricos. Estrada Real. Paisagismo. Praças Históricas.

ABSTRACT

Squares built in Brazil from the eighteenth and nineteenth centuries, especially those located along the Royal Road have a structure typical of this period, with straight lines, located close to churches and with some flower beds. The city of São João Del Rei-MG emerged in this region, more specifically in the Old Path of the Royal Road, from the gold exploration in the XVIII century. Thus, this study is aimed at the historical and landscape analysis of Expedicionarios Square, one of the squares located in the historical center of São João Del Rei-MG. The methodology used consisted of an inventive analysis associated with the subjective analysis and the indications for the preservation of gardens as historical patrimony. The study of the evolution of the area was based on the analysis of morphological changes that occurred in the square and its surroundings during the development of the city. Based on the information collected, modifications were observed, both in the structure and in the toponymy of this square. The design of the square has characteristics of eclectic style, with irregular stones in its interior and beds with geometric paths, typical of the urbanization of the late nineteenth and early twentieth century. The plants used consist mainly of ornamental trees and shrubs, without any apparent logical planning. The importance of the square is connected to the population activities in this place, as well as to the building in the pavilion above it, which influenced some of its changes, besides it is also considered a noble place of the city. Indeed, because it was the place chosen to locate the Legality Fountain, landmark in the history of São João Del Rei.

Key words: Historical gardens. Royal Road. Landscape. Historical squares.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa dos caminhos da Estrada Real	14
Figura 2 - Mapa de São João Del Rei com a localização das praças no centro histórico.....	17
Figura 3 - Região onde a praça foi construída.....	20
Figura 4 - Primeiro registro fotográfico encontrado, mostrando o prédio do Batalhão e seu Jardim. ...	21
Figura 5 - Jardim do Batalhão	21
Figura 6 - Parte da praça vista a partir do Batalhão, com destaque para o coreto.....	22
Figura 7 - Praça reformada em 1930	23
Figura 8 - Praça dos Expedicionários.....	24
Figura 9 - Praça dos Expedicionários em 1943.....	25
Figura 10. Mapa datado de 1893, localizando a “Praça do Collegio”.....	25
Figura 11. Chafariz da Legalidade.	27
Figura 12. Monumento dos Expedicionários, com estátua de soldado.	28
Figura 13 - A: Atelier Fotográfico de André Bello, em 1938. B: Posto de gasolina, em 2017.....	29
Figura 14 - Praça dos Expedicionários em 2017.....	31
Figura 15 - Praça dos Expedicionários em 2016.....	32
Figura 16 - Projeto paisagístico proposto pelo arquiteto Marcos Aurélio Todorov Silva.....	33

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1	A mineração no Brasil.....	12
2.2	Estrada Real.....	13
2.3	São João Del Rei	14
2.4	Praças de São João Del Rei.....	16
2.5	Praças e jardins e sua importância	17
3	METODOLOGIA.....	18
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	20
4.1	Surgimento da Praça dos Expedicionários.....	20
4.2	História e evolução da praça	21
4.3	Toponímia	25
4.4	Elementos estruturais.....	26
4.4.1	Chafariz da Legalidade.....	26
4.4.2	Monumento aos Expedicionários	28
4.5	Entorno da praça	29
4.5.1	Ateliê André Bello.....	29
4.5.2	Igreja São Gonçalo Garcia.....	29
4.5.3	O prédio	30
4.5.3.1	Casa de Intendência e fundição de ouro.....	30
4.5.3.2	Os colégios	30
4.6	A praça no século XXI.....	31
4.7	Reforma atual	32
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
6	CONCLUSÕES.....	36
	REFERÊNCIAS	37

1 INTRODUÇÃO

A Estrada Real, além de importante rota de penetração, ocupação e ordenamento territorial de cidades nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e principalmente Minas Gerais no início do século XVIII, é atualmente uma das rotas turísticas mais importantes no Brasil. O estudo dos seus aspectos é de grande relevância para difundir o conhecimento sobre a sua contribuição para o desenvolvimento da região onde está inserida (CALAES, OLIVEIRA, 2009).

Em pesquisas já realizadas no projeto “Resgate histórico de praças e jardins de cidades históricas da Estrada Real”, foi observado que poucas são as informações sobre as praças das cidades na Estrada Real, provavelmente por nunca terem sido estudadas com este enfoque. Essas informações, com importância do ponto de vista cultural, natural e patrimonial, não estão presentes nos guias turísticos e, além disso, nota-se que a história dessas praças é desconhecida até mesmo pela população local e pelos pesquisadores do segmento de paisagismo, o que torna esta pesquisa relevante e necessária.

Estudar estas praças históricas traz suas trajetórias ao conhecimento público e as acolhe dentro do contexto cultural contemporâneo. Obtendo um turismo de maior qualidade, que agrega valor às informações já disponíveis aos viajantes. É importante ressaltar ainda que, o conhecimento da história dessas praças pode ajudar na proteção das mesmas, pois enriquecem o valor de sua evolução, e cumpre em grande parte o levantamento antrópico necessário para o processo de tombamento.

São João Del Rei é uma das maiores e mais importantes cidades históricas mineiras. A evolução de arraial minerador para importante polo comercial da região do Campo das Vertentes foi responsável pela sua característica peculiar que mistura estilos arquitetônicos barrocos com o estilo moderno. A cidade possui grande riqueza cultural e atrai muitos turistas que conseguem apreciar as características de vila colonial e seu centro histórico bastante preservado.

Nessa cidade, algumas praças já tiveram sua história e evolução estudados, podendo ser citadas as praças Frei Orlando, Francisco Neves, Barão de Itambé, Largo da Câmara, Avenida Tancredo Neves, Carlos Gomes, Paulo Teixeira e Dr. Salatiel (GARCIA, 2011). Dessa forma, dando continuidade ao projeto “Resgate histórico de praças e jardins de cidades históricas da Estrada Real”, objetivou-se com essa pesquisa, estudar a evolução histórica e paisagística da

Praça dos Expedicionários, localizada no centro histórico de São João Del Rei, desde a sua construção, no século XIX, até 2017.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A mineração no Brasil

A primeira expedição colonizadora do Brasil, em meados do século XVI, se fixou na provável “costa do ouro e da prata”, distribuindo-a entre a ilha de São Vicente e o planalto de Piratininga. Com a colonização, na ilha de São Vicente, fundaram-se engenhos de açúcar, que cobriam de riquezas os seus privilegiados lavradores (SIMONSEM, 2005).

Porém, no final do século XVII, houve um declínio do Ciclo do Açúcar. Como consequência, a estrutura da Colônia ficou enfraquecida e, como forma de melhorar sua realidade, a Coroa portuguesa estimulou de modo eficaz o descobrimento das minas. O Regente D. Pedro enviou cartas a bandeirantes paulistas no século XVII, pois os governantes portugueses acreditavam que estes seriam os mais aptos para achar os metais preciosos certamente existentes nos sertões brasileiros (SIMONSEM, 2005).

No final do século XVII, com a descoberta de ouro em abundância, foi alterada por completo a evolução colonial. A exploração das imensas riquezas era de tamanha valia que provocaram o povoamento do Brasil e despertaram a atenção mundial para o maior centro de produção aurífera até então existente (SODRÉ, SCHENDEL, 1979).

A fartura de ouro exerceu decisiva influência na elaboração da economia capitalista na região. Os estados em formação necessitavam de capital para a organização dos serviços públicos, pagamento de seus exércitos e para a segurança de seu povo. O ouro foi incorporado em empreendimentos, incentivou o mercado de gado e tropas no interior do Brasil, tornou o Rio de Janeiro a capital brasileira e criou contribuiu para o progresso do país (SIMONSEM, 2005).

Para melhorar a fiscalização e arrecadação de ouro no país, em 1719, D. João V com a Lei da Moeda, mandou instalar casas de intendência e fundição de ouro nas sedes das comarcas das Minas para a cobrança do quinto sobre o ouro em pó entregue nessas oficinas (RENGER, 2006).

Nos velhos tempos, a primeira ideia dos mineradores, era mandar construir e consagrar templos; com isso as cidades históricas mineiras possuem um número excessivo de santuários, que muitas vezes eram adornados com objetos de ouro. Outra característica interessante e peculiar que a região de Minas Gerais apresenta é de ter sido urbana antes de

ser rural e que, a sociedade teve grande vigor criativo, formando a primeira consciência artística articulada no país (BURTON, 2001; MARTINS, IGLÉSIAS, MAZZONI, 1992).

2.2 Estrada Real

Os bandeirantes guiavam-se por serras e utilizavam as trilhas dos índios, porém na falta dessas, seguiam os cursos dos córregos para se localizarem mais facilmente. A intensificação das bandeiras, a partir da segunda metade do século XVI, levou à construção de caminhos no interior do Brasil, e foi responsável pela formação de um grande número de cidades e pela expansão da atividade agropecuária, até então restrita apenas à costa brasileira, que garantiam o abastecimento na região (CALAES, OLIVEIRA, 2009).

No início do século XVIII, existiam dois caminhos oficiais que conduziam às minas de Minas Gerais, entretanto também existiam muitas outras rotas para escoamento do ouro e dos diamantes. Com o objetivo de evitar desvios e sonegação, foi determinado que todo o escoamento do ouro e os diamantes extraídos nas Minas Gerais fosse realizado apenas por caminhos oficiais, que passaram a ser vigiados (CALAES, OLIVEIRA, 2009).

A partir dos anos 1600, os viajantes passaram a usar a trilha por Paraty, a trilha seguia pelo vale do Paraíba, para alcançarem as minas na Vila Rica, atual Ouro Preto. Este caminho ficou conhecido como Caminho Velho e compreende o maior dos itinerários da Estrada Real. Encoberta por matas virgens e frequentemente por densos nevoeiros, esta passagem só podia ser feita com grandes esforços. Em território mineiro, a travessia do Rio das Mortes era feita em canoas. Este caminho foi intensamente percorrido por mineradores e mercadores que abasteciam as vilas mineiras, principalmente, como fluxo de escoamento da produção aurífera e diamantina (CALAES, OLIVEIRA, 2009; COSTA, 2005).

Com o objetivo de preservar o patrimônio histórico, foi criado o projeto Estrada Real em 2001 para transformar os antigos caminhos reais em pontos turísticos. Os quatro caminhos, o Caminho Velho, Caminho Novo, Caminho dos Diamantes e Caminho de Sabarabuçu, resgatam as tradições e valorizam a identidade e as belezas da região. A Estrada Real atualmente é considerada a maior rota turística do Brasil (INSTITUTO ESTRADA REAL, 2015).

São João Del Rei está localizado no Caminho Velho, representado no mapa (Figura 1), e teve grande importância na Estrada Real. Foi ponto de passagem de viajantes que se deslocavam de São Paulo para Ouro Preto (PEREIRA, 2009).

Figura 1 - Mapa dos caminhos da Estrada Real.



Fonte: Instituto Estrada Real, 2015.

2.3 São João Del Rei

O arraial do Rio das Mortes começou a existir a partir de 1684 quando Tomé Portes del-Rei fixou-se às margens do Rio das Mortes. A exploração das minas de ouro atraiu numerosos habitantes ao território de São João Del Rei. Os índios que povoavam a região dificultaram o progresso dos aventureiros paulistas, havendo conflitos no rio sobre cujas margens se deram os combates, o Rio das Mortes (BURTON, 2001; COSTA et al, 2005; SAINT-HILAIRE, 1941).

Nos seus primeiros anos, a organização territorial do arraial de São João Del Rei se encontrava em uma situação caótica. A exploração aurífera nas encostas da Serra do Lenheiro estabeleceu o primeiro núcleo povoador de São João Del Rei, com casas rústicas e casas para comércio (MALDOS, 2000).

O ouro, abundante e de fácil exploração nas encostas da serra que cercavam a vila, orientou os caminhos entre a vila e as áreas de exploração. Da serra desciam caminhos em direção ao Córrego do Lenheiro, por cujas margens os exploradores se dirigiam principalmente na direção do Rio das Mortes, cujo porto servia de passagem para travessia com o pagamento de imposto, conhecido como Porto Real da Passagem (MALDOS, 2000).

Durante muito tempo São João Del Rei teve o nome de Arraial do Rio das Mortes, e em 18 de dezembro de 1713, o arraial foi elevado à vila sob nome de Vila de São João Del Rei, em honra ao Rei D. João V, regente na época. Este foi o primeiro passo na organização de uma política administrativa, com orientações no processo de formação urbana (MALDOS, 2000).

Na descrição feita pelo viajante francês Auguste Saint-Hilaire (1941):

A vila de São João del Rei fica em uma posição muito agradável, construída em um vasto vale, ao pé dos morros do Lenheiro e do Senhor do Bonfim, estendendo-se em declive suave. Para estabelecer comunicação entre as duas partes da vila foram construídas duas pontes de pedra, cada uma com três arcos. Há dez igrejas cujas as mais notáveis são: São Francisco e a Nossa Senhora do Pilar, que por dentro é muito rica e asseada.

Ainda na visão desse viajante, as ruas eram calçadas e largas, as casas baixas, bonitas e bem cuidadas. Complementado a caracterização de São João Del Rei, outro viajante a descreve como sendo notavelmente pitoresca, com edifícios muito brancos, templos maciços e maravilhosas verduras e flores (BURTON, 2001).

A região elevada era propícia à cultura do marmelo, pêssego e maçã, que eram colhidos em grandes quantidades. Várias pessoas plantavam também, com sucesso, nogueiras e castanheiras (SAINT-HILAIRE, 1941).

Resumindo a história de São João Del Rei, pode-se citar o poema de Zélia Maria Leão Terrell (SÃO JOÃO DEL REI, 2013):

São João del-Rei – 300 anos

*A história é longa e eternizou
para aqueles que esta terra sempre amou,
o Arraial que alcançou foros de Vila,
em 8 de Dezembro de 1713,
com o nome de São João del-Rei,
em homenagem a D. João V, rei de Portugal.
De pedras fizeram os calçamentos,
para embelezar a paisagem,
mostrando a todo momento
a rudeza dos tempos vividos outrora
e de seus desbravadores, a coragem.*

Mesmo com o declínio da extração e produção de metais a partir do século XIX, a cidade consolidou-se como importante ponto comercial. Diferente de outras cidades mineiras que entraram em decadência econômica, São João Del Rei desenvolveu-se e diversificou suas atividades econômicas, constituindo-se na cidade mineira mais rica na primeira metade do século XIX (PEREIRA, 2009).

A cidade produziu muito ouro, porém, por possuírem solos férteis e abundância de água, a agricultura e principalmente a pecuária que se tornaram forte atividade dos habitantes da região. No final do século XVIII, com a transferência da capital do Brasil para o Rio de Janeiro,

São João Del Rei, vizinho da Província do Rio de Janeiro se transformou em importante centro fornecedor de alimentos e manufaturados (PEREIRA, 2009; SAINT-HILAIRE, 1941).

2.4 Praças de São João Del Rei

O viajante Richard Francis Burton relata que em São João Del Rei existiam cerca de 1.600 casas, 10 praças e 24 ruas, sendo considerada uma cidade desenvolvida. Coincidentemente, o centro histórico de São João Del Rei ainda possui 10 praças, porém não são as mesmas. Dentre essas pode ser citada a Praça Frei Orlando, localizada à frente da igreja de São Francisco de Assis. Construída no século XVII, é um importante atrativo turístico da cidade de São João Del Rei por sua imponência e beleza (GARCIA, 2010; MALDOS, 2000).

As Praças Francisco Neves e Barão de Itambé estão localizadas atrás da Catedral de Nossa Senhora do Pilar. As duas praças têm suas histórias mescladas, pois ambas preenchem o Largo da Câmara, espaço compreendido entre a Matriz do Pilar e a Igreja das Mercês.

A Praça da Av. Tancredo Neves foi uma praia do córrego do Tijuco, que na época do grande aterro do centro histórico de São João Del Rei, se transformou em um largo. Já no início do século XX, esse largo foi arborizado e depois ajardinado, tendo passado por várias intervenções até o final do século XX (GARCIA, 2010).

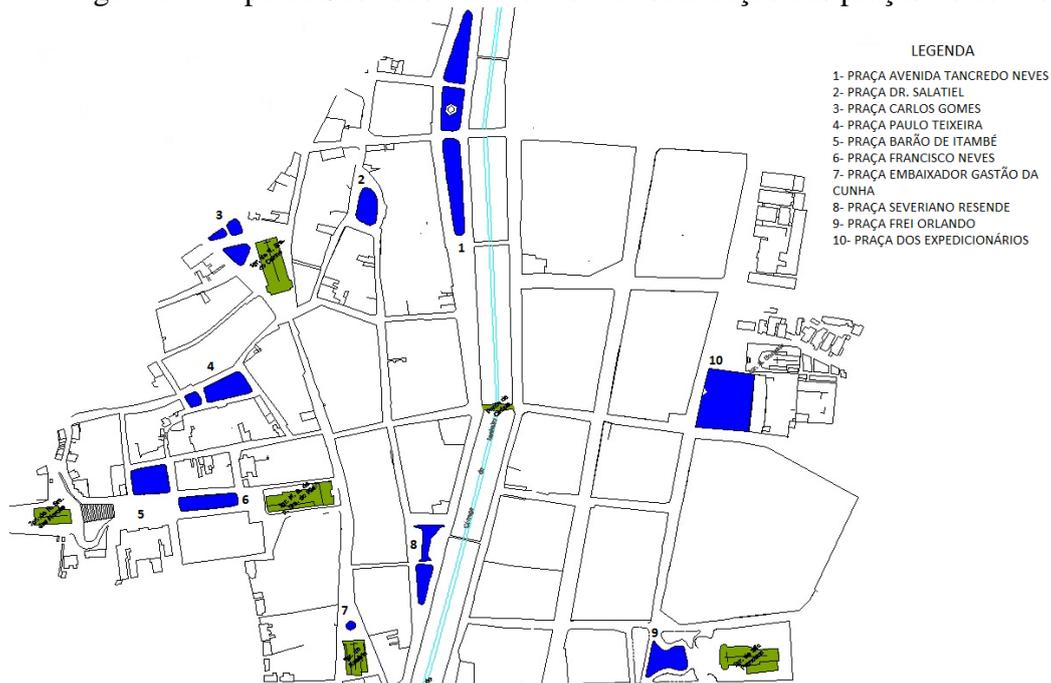
A Praça Carlos Gomes está localizada ao lado da Igreja do Carmo. A Praça Paulo Teixeira, conhecida pelos moradores como Largo da Cruz e a Praça Dr. Salatiel localizada no final da rua Marechal Bitencourt, também estão localizadas nas proximidades da Igreja do Carmo. Praça Embaixador Gastão da Cunha forma a região frontal da Igreja do Rosário. A Praça Severiano Resende localizada no Largo do Tamandaré está localizada na margem esquerda do Córrego do Lenheiro.

Praça dos Expedicionários, objeto de estudo desta pesquisa está localizada próximo à Igreja São Gonçalo Garcia, que acolhe o Chafariz da Legalidade, bem tombado pelo IPHAN. Todas as praças estão integradas no centro histórico de São João Del Rei.

O Córrego do Lenheiro era um divisor da cidade de São João Del Rei, das 10 praças do centro histórico que estão destacadas no mapa (Figura 2), a maioria está localizada do lado esquerdo do Córrego do Lenheiro, já a Praça dos Expedicionários e a Frei Orlando estão no lado direito.

Essa diferença na distribuição da cidade se deve ao fato de que o Senado da Câmara definiu o local de implantação oficial da vila em área oposta à da exploração do ouro, porém a população se insistia em se manter próximo à mina. Como forma de ampliar a ocupação, começou-se a construir moradias, comércio, prédios oficiais, assim como a Casa de Intendência e Fundação de Ouro e também a Igreja São Francisco de Assis (COTA, DIÓRIO, 2012).

Figura 2 - Mapa de São João Del Rei com a localização das praças no centro histórico.



Fonte: IPHAN São João Del Rei. Adaptado do autor (2017).

2.5 Praças e jardins e sua importância

Os conceitos de jardim e praça são muito complexos e envolvem muitos aspectos. O jardim é considerado muitas vezes como um elemento da casa que se inclui entre suas instalações. Ele existe sob diversas formas e, geralmente é um local arborizado, pequeno, com plantas ornamentais. A praça pode ser considerada como uma área na cidade que a integra organicamente, e possuem as mais diversas funções e origens. A ideia de praça nos indica o espaço público, político, econômico, religioso ou militar (SALDANHA, 1983).

Apesar de possuírem conceitos distintos, os jardins e praças são espaços responsáveis pela integração entre as construções e as pessoas. Oferecendo áreas para lazer e recreação à população, destacando-se como áreas de interação social e culturais. Muitos passaram por diversas mudanças desde sua construção, alguns foram depredados e abandonados pela própria

população, e outros foram reformados de forma que não destruísse sua identidade considerando suas origens (DA SILVA NASCIMENTO, 2014; AZEVEDO, 2013).

No Brasil Colônia, os jesuítas utilizavam os jardins para fins religiosos. As plantas eram utilizadas em rituais, e também serviam como alimentos e como ervas medicinais. O mais genuíno paisagista brasileiro da Colônia foi Mestre Valentim, com seu projeto para o Passeio Público do Rio de Janeiro entre 1779 e 1783. No século XIX, com a urbanização das cidades, os espaços ajardinados são encontrados de forma intensificada em praças, parques e jardins públicos de forma intensificada. No final do século XIX e primeiras décadas do século XX, durante a *belle époque*, houve uma forte preocupação com a higiene das cidades, e essas deveriam ser belas, com ruas limpas, bem traçadas e arborizadas (DELPHIM, 2005; MAGALHÃES, 2011).

A partir da preocupação com a salubridade e a beleza das cidades, é possível observar um notável crescimento do número de praças. Apesar de possuírem funções distintas e diversidade morfológica, as praças são locais de interação social, além de serem responsáveis pela amenização da paisagem urbana, aumentam a presença do verde e melhoram a qualidade de vida nas cidades (NASCIMENTO, 2014; CALDEIRA, 2010).

As praças e jardins históricos são reconhecidos como objetos culturais, passíveis de serem preservados. O Comitê Internacional de Jardins Históricos e Sítios, com o objetivo de aprofundar os estudos sobre preservação de jardins e sítios históricos se reuniu em Florença, na Itália, em 1981 e organizou a Carta de Florença (DELPHIM, 2005; NASCIMENTO, 2014).

3 METODOLOGIA

A pesquisa focou-se no período compreendido entre 1840, data do primeiro registro documental encontrado sobre a praça, a 2017, data de finalização da pesquisa, e refere-se ao estudo da evolução histórica e paisagística da Praça dos Expedicionários, em São João Del Rei. A metodologia utilizada é combinação da análise inventiva apresentada por Lassus (1992), com o método de análise subjetiva descrito por Luginbuhl (2006) acrescido de considerações feitas por Delphim (2005).

Por meio da análise inventiva é possível identificar os processos de evolução física e as práticas desenvolvidas no lugar por meio da interpretação dos dados naturais, patrimoniais e sociais. Isto resulta em identificar o que seria mais adequado na relação entre o lugar e suas práticas sociais. A análise subjetiva não conduz a uma avaliação mensurável, mas revela valores

estéticos ou simbólicos. Este método está fundamentado na hipótese de que as paisagens e suas representações apontam valores atribuídos pela população, artistas ou escritores que retratam com mais sensibilidade os atributos estéticos ou simbólicos em suas obras.

Delphim considera os valores intrínsecos de um bem cultural, que se referem ao bem do ponto de vista físico. Incluem o entorno, o material, a conservação, o desenho e a localização. Qualquer espaço sofre transformações ou deterioração tanto por causa do desgaste natural, quanto pelo seu uso. A soma dessas diferentes modificações se converte em parte do caráter histórico. Além disso, os bens culturais podem apresentar outros valores, extrínsecos, podem-se considerar os valores culturais, que são o valor de identidade, o valor técnico ou artístico, o valor de originalidade, o valor histórico, o valor social, econômico, funcional, educativo e político.

Os levantamentos bibliográficos e iconográficos de São João Del Rei e da Praça dos Expedicionários foram realizados, no Museu Municipal de São João Del Rei, na Biblioteca Municipal, no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), no Instituto Histórico e Geográfico (IHG) e na Secretaria da Cultura com acesso a documentos em relação às obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e no Departamento de obras na Prefeitura.

Ainda, foram realizados levantamento do mobiliário urbano e botânico da praça, com identificação das espécies presentes atualmente no local, do seu estado de conservação e um amplo registro fotográfico da situação atual.

Na parte final da pesquisa foram realizadas entrevistas direcionadas a cidadãos que conheceram ou são frequentadores da praça. A abordagem das entrevistas foi informal, sem aplicação de questionários, para que os entrevistados se sentissem à vontade para relatar suas experiências. Essas pessoas foram escolhidas ao acaso, por estarem no local naquele momento. Essa abordagem informal se deve porque entrevistas narrativas, experiências subjetivas podem ser transmitidas através de uma conversa, permitindo um maior aprofundamento das investigações por meio da combinação das histórias de vida dos entrevistados com o contexto sócio histórico dos locais estudados (MUYLAERT, 2014).

Com a junção de todas as informações foi possível reconstruir a história da Praça dos Expedicionários, fazendo a cronologia das transformações ocorridas e correlacionando com a evolução da cidade de São João Del Rei.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando-se que este estudo teve como objetivo o levantamento histórico e paisagístico da Praça dos Expedicionários, os resultados foram discutidos numa linha de raciocínio, que se iniciou com a elaboração dos aspectos históricos da praça e de seu entorno, e em seguida, centrou-se na discussão da concepção paisagística atual da praça.

4.1 Surgimento da Praça dos Expedicionários

A área onde a praça está localizada possui grande valor histórico, já que sua construção se deu ainda no século XVIII. A praça está situada no entroncamento dos principais caminhos da antiga Vila. Em ilustração de 1800 (Figura 3), ao alto da imagem é possível observar a primitiva capela de São Gonçalo Garcia, o prédio da Casa da Intendência e Fundição de ouro e o prédio que abrigava a Aula Régia. Logo abaixo desse patamar está a área em que a praça foi construída mais tarde.

Figura 3 - Região onde a praça foi construída.



Fonte: Imagem de Huascar (1800) no livro *Notícia de São João del Rei*, Augusto Viegas (1953).

Não há registro preciso de quando a praça foi construída, porém é citada em livro de registro de 1840 como Praça da Intendência. Podendo ser inferido que o local estava relacionado com o prédio da Casa de Intendência e Fundição de Ouro.

O primeiro registro fotográfico encontrado, data de aproximadamente 1910 (Figura 4) época que fazia parte do 51º Batalhão de caçadores e o 2º Batalhão do 11º Regimento de Infantaria e era conhecido como Jardim do Batalhão. Na imagem é possível observar o prédio do Batalhão e o ajardinamento que a praça apresentava. Nota-se que toda a área era cercada

com tela. O seu traçado era constituído por vários pequenos canteiros com formas e tamanhos variados, apresentava bancos e uma estrutura circular central, aparentando ser uma fonte.

Na parte de cima do jardim é possível identificar algumas pessoas circulando ou utilizando o espaço, outras pessoas montadas em cavalos.

Figura 4 - Primeiro registro fotográfico encontrado, mostrando o prédio do Batalhão e seu Jardim.



Fonte: IPHAN São João Del Rei. Autor desconhecido (1910).

4.2 História e evolução da praça

Em fotografia de 1915 (Figura 5), é possível notar diferenças na estrutura e manutenção da praça, que era denominada como Jardim do Batalhão. As espécies parecem estar um pouco mais desenvolvidas, tanto na praça quanto na parte de frente do prédio. É possível observar alguns arbustos podados em formato arredondado e cultivados de forma alinhada ao longo da rampa de acesso ao batalhão, e árvores de médio porte em frente ao prédio, que atualmente não existem mais.

A tela que cercava a praça foi trocada por grades de aparência mais sofisticada. Com o desenvolvimento das plantas e a nova grade, a praça ficou visualmente mais bela.

Figura 5 - Jardim do Batalhão



Fonte: Arquivo pessoal de Pedro Paulo Viegas (1915).

Em 1918 é possível observar a existência de um coreto (Figura 6). Coretos são construções que, inicialmente eram feitas em jardins privados e posteriormente em ambientes públicos como as praças. As primeiras edificações abertas eram feitas em madeira, ferro ou pedra e possuíam formas variadas (NUNES, 2012).

Segundo relato de Maria Teresa, uma das frequentadoras da praça que foi entrevistada, o coreto presente na praça era utilizado para apresentações da banda do batalhão. As apresentações das bandas militares nos coretos e nas festas cívicas eram referência no entretenimento das cidades. A principal função atribuída aos coretos era de receber artistas, bandas e orquestras musicais. A música ao ar livre valorizava as cidades e as praças que se embelezavam com a presença dos coretos (NUNES, 2012; DE OLIVEIRA, 2012).

Os coretos eram um espaço de democratização cultural e surgiram com os ideais de igualdade da Revolução Francesa (1789-1799), quando a cultura saiu dos ambientes fechados e foi levada para áreas públicas. Eram considerados meios essenciais capazes de proporcionar a comunicação entre a natureza e a música e possuem grande representatividade da história local da população (PIRES, 2014).

Figura 6 - Parte da praça vista a partir do Batalhão, com destaque para o coreto.



Fonte: IPHAN São João Del Rei. Autor desconhecido (1918).

Com o tempo, o ajardinamento da praça foi modificado, aparentando ter ocorrido uma reforma e com isso ficou mais simples, com menor número de plantas (Figura 7).

Figura 7 - Praça reformada em 1930



Fonte: IPHAN São João Del Rei. Autor Desconhecido (1930).

Nessa fase, a vegetação da praça parece estar resumida a alguns arbustos e, pelo porte, devem ter sido implantados na época da foto, na década de 1930. O grande número de canteiros que existia inicialmente (Figura 4) foi modificado, sendo esses unidos formando grandes canteiros. O traçado orgânico desses caminhos não tem um formato regular. Também a

vegetação exuberante dos canteiros, com arbustos floridos foi substituída por alguns arbustos e gramado em quase toda a sua extensão.

Podem ser identificados bancos distribuídos na parte central da praça. Onde provavelmente estava localizado o coreto, foi deixado um espaço aberto tendo ao centro um vaso disposto em cima de uma coluna de cimento, remetendo ao estilo italiano. As telas que cercavam o jardim não existem mais, foram substituídas por um cercado baixo e discreto, delimitando a parte da frente da praça, e o acesso ao jardim, que parecia ser controlado, passa a ser aberto.

Alguns anos depois, aproximadamente em 1935, observa-se em outra imagem (Figura 8), as mudanças ocorridas na praça. Alguns bancos foram removidos e os restantes distribuídos em locais diferentes da praça.

As árvores e arbusto cujas espécies não são possíveis de identificar estão maiores e mais vistosas. A grama também cresceu e o entorno apresenta estacas, demarcando o contorno fronteiro da praça. Na parte interna da praça observa-se a sebe já está bem desenvolvida e formada, contornando o desenho arredondado dos canteiros, em entrevista, uma antiga frequentadora informou ser cipreste (*Cupressus sp.*) (LORENZI, 1999).

O uso de sebe de cipreste para demarcar canteiros pode ser observado na Praça do Campus Histórico da UFLA, em Lavras - MG, na mesma época entre os anos 1930 e 1940. Ambas possuem sebe muito bem podada em forma geométrica, contando com alguns arbustos em forma de pirâmide, caracterizando uma topiaria elaborada, remetendo aos jardins clássicos (PAIVA, 2011)

Figura 8 - Praça dos Expedicionários.



Fonte: IPHAN São João Del Rei. Autor desconhecido (1935).

Na fotografia de 1943 (Figura 9), é possível notar que espécies que compunham a rampa de acesso ao prédio foram retiradas, assim como as que estavam em frente ao prédio. Na praça são observadas novas espécies arbóreas de porte maior, cercadas por canteiros circulares, pintados na cor branca.

O mobiliário urbano é composto por postes, e o cercado baixo permanece. Na parte estrutural não é possível identificar o chafariz, mas ressalta-se que nesse mesmo ano ele foi levado para essa praça.

Figura 9 - Praça dos Expedicionários em 1943



Fonte: Escola Municipal Maria Teresa. Do autor (2015).

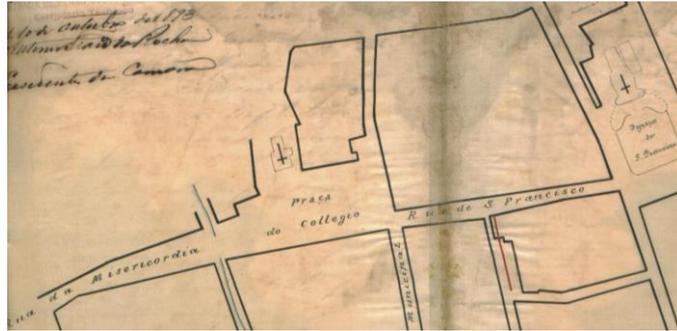
4.3 Toponímia

A toponímia constitui a área de investigação que se fundamenta na ideia de que a nomeação de um lugar não se dá de maneira despropositada, podendo revelar importantes informações e acontecimentos históricos. Por meio da toponímia pode-se analisar a relação entre o homem e os nomes do espaço em que está inserido, obtendo conhecimento de aspectos histórico-culturais de um povo (CARVALHO, 2013; ARTEN, 2010).

Ao longo do tempo a praça teve várias denominações. Fazendo um levantamento dos nomes que a praça já teve, o primeiro documento encontrado com o nome da praça data de 1840, como Praça da Intendência, em referência ao prédio onde funcionou a Casa da Intendência localizada no pavilhão acima da praça.

A partir de 1859, ficou conhecida como Praça do Colégio (Figura 10), onde no mesmo prédio passou a funcionar o famoso Colégio Duval (GUIMARÃES, 1994).

Figura 10. Mapa datado de 1893, localizando a “Praça do Collegio”.



Fonte: IPHAN São João Del Rei. Do autor (2015).

Em 1897 recebeu o nome de Praça da República, devido à campanha política da época em relação ao conflito “Guerra dos Canudos” (MUNDIM, 2016)

Já em 1928, com a visita da família do presidente do estado de Minas Gerais, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada nesse mesmo ano, passou a ser chamada de Praça dos Andradas, como uma homenagem (MUNDIM, 2016).

E finalmente, em 1960, recebeu o nome de Praça dos Expedicionários em homenagem aos combatentes que participaram da Segunda Guerra Mundial. Este nome permanece até os dias atuais.

Com todas essas mudanças há uma perda da identidade da praça. Alguns momentos históricos caem no esquecimento da população e nem sempre são passados e divulgados para a nova geração.

4.4 Elementos estruturais

4.4.1 Chafariz da Legalidade

Os chafarizes são monumentos históricos de grande beleza arquitetônica. Até o início do século XX, tinham a função de fornecer água potável para a população, além de servir como um espaço funcional, onde era possível lavar roupas e dar água aos animais. Geralmente ficavam em pontos estratégicos da cidade e faziam parte da rotina das pessoas. Os moradores com maior poder aquisitivo privatizavam as fontes, edificando suas casas junto a poços e valorizando os imóveis (IPHAN, 2012).

Com o desenvolvimento da distribuição de água às casas, os chafarizes tiveram a sua principal função extinta, e se tornaram locais de encontro com o passado e pontos de admiração turística. Os órgãos públicos acabaram com a manutenção de muitos deles. Em São João Del Rei, onde já existiram sete chafarizes, apenas dois ainda estão acessíveis à população, são eles o Chafariz da Legalidade e o Chafariz do Largo de São Francisco (IPHAN, 2012).

O Chafariz da Legalidade, está inserido na relação dos bens tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional desde 4/3/1938. Essa estrutura foi construída inicialmente no Largo do Tamandaré em 1834, em comemoração ao fato da Vila de São João Del Rei ter sido a capital da Província de Minas Gerais no ano de 1833. Instalado do lado esquerdo da ponte do Rosário, a água que o abastecia vinha do aqueduto construído sobre uma arcaria de tijolos, motivo pelo qual o chafariz era conhecido popularmente por Chafariz dos Arcos. O chafariz (Figura 11), construído em pedra sabão, tem no alto a coroa imperial e a data histórica de 1833 (IPHAN, 2012; SOBRINHO, 2006).

O aqueduto foi demolido e o chafariz desmontado em 1895 no Largo do Tamandaré por deliberação da Câmara Municipal e por proposta da comissão de obras públicas. Após esse ato muito lamentado pela população, as partes do chafariz foram montadas em diferentes locais, até que em 1943 foi levado para a Praça dos Expedicionários onde se encontra atualmente, porém sem jorrar água (IPHAN, 2012).

Figura 11. Chafariz da Legalidade.



Fonte: Do autor (2015).

Anterior ao Chafariz da Legalidade foram encontrados registros de uma obra em 1840 que indicam que o Chafariz do Colégio localizado na Praça dos Expedicionários, conhecida na época como Praça da Intendência. Em julho de 1841 foi solicitada a construção de um paredão

de pedra onde foi então colocado o novo chafariz, com duas bicas também de pedra (SOBRINHO, 2006).

Sendo assim, o provável motivo da praça ter sido o local escolhido para acolher o chafariz da Legalidade, foi o fato dessa praça já ter tido um chafariz e, com isso, já possuir uma estrutura para o funcionamento do mesmo. Não foi encontrado registro sobre o que aconteceu com esse antigo chafariz.

4.4.2 Monumento aos Expedicionários

O monumento construído em homenagem aos soldados brasileiros mortos na II Guerra Mundial foi inaugurado em 22 de maio de 1969.

O local é utilizado para as comemorações de 14 de abril de 1945, marco da batalha mais sangrenta da qual a Força Expedicionária Brasileira participou, Batalha de Montese (SOBRINHO, 2015). Na figura 12 é possível observar o monumento feito em granito preto, com o soldado em bronze na parte central. Ao fundo e à esquerda pode-se visualizar a Igreja São Gonçalo Garcia e, à direita, o prédio da Escola Estadual Maria Teresa.

A construção não se conecta com a praça, destoando-se da região em que está inserida. Através de relatos dos entrevistados pode-se concluir que muitos moradores não concordam com a presença do monumento nesse local.

Figura 12. Monumento dos Expedicionários, com estátua de soldado.



Fonte: Do autor (2017).

4.5 Entorno da praça

4.5.1 Ateliê André Bello

André Bello foi um fotógrafo e empresário que muito contribuiu para o desenvolvimento cultural de São João Del Rei e região. Inaugurou em 1919, seu ateliê na Praça da República, como era denominada na época.

Na figura 13, é possível comparar o antes e do depois da região onde estava localizado o ateliê. É visível na Figura 13A parte da praça, evidenciando algumas espécies ornamentais de pequeno e médio porte, e parte do cercado baixo que contorna a praça. Já na Figura 13B, é possível notar que o casarão de relevante beleza foi demolido e, atualmente no local existe um posto de gasolina. Essa mudança além de destruir parte da história do local deixou a paisagem esteticamente feia.

Figura 13 - A: Atelier Fotográfico de André Bello, em 1938. B: Posto de gasolina, em 2017.



Fonte: A: IPHAN São João Del Rei. Autor desconhecido (1938). B: Do autor (2017)

4.5.2 Igreja São Gonçalo Garcia

No lado direito da praça situa-se a Igreja São Gonçalo Garcia, construída pela Irmandade São Gonçalo Garcia, em 1772. Inicialmente era uma capela muito simples e sem torres que, em meados do século XIX foi reformada e sua obra concluída em 1903, alterando seu aspecto original (MONUMENTOS RELIGIOSOS, 2014).

A praça foge da regra das praças históricas brasileiras nascidas em frente a uma igreja, já que é possível implicar que sua construção está relacionada ao prédio do patamar superior da praça e não com a igreja.

4.5.3 O prédio

4.5.3.1 Casa de Intendência e fundição de ouro

Em todas as comarcas da Província de Minas Gerais havia uma casa de fundição, cada uma com quinze funcionários, para onde deveria ser enviado todo o ouro recolhido (WALSH, 1985).

Por sua privilegiada posição geográfica e pela economia escravista, foi instalado em São João Del Rei, a Casa Intendencia e Fundição de Ouro, fazendo da vila um importante centro social e cultural do Barroco mineiro. Situada em terreno elevado, de onde se via toda a vila e além do vale (RENGER, 2006; SAINT-HILAIRE, 1941; SOBRINHO, 1996).

De acordo com relato do viajante Luccock (1975):

A Casa de Fundição do ouro, era um edifício sólido e bom, lindamente situado em terreno elevado. Para ali deve ser levado todo o ouro encontrado nas vizinhanças e creio mesmo que em toda a Comarca, com o fim de o fundirem, pagando os direitos impostos, que ascendem a quinta parte do peso bruto. Ali também todas as operações de refinação e emissão da barra com seu respectivo certificado, se executam com a maior das precisões e formalismos. A casa de fundição de São João Del Rei funcionou também como uma espécie de Banco para toda a Comarca.

Com a diminuição na arrecadação do ouro a Casa Fundição funcionou até 1832, quando a Lei de 24 de outubro de 1832 aboliu as Casas de Fundição, as intendências do ouro e suas comissárias em Minas Gerais. O prédio então passou a ser ocupado pelo Colégio Duval (SOBRINHO, 2000).

4.5.3.2 Os colégios

A fundação do Colégio Duval tem data controvertida: há registros entre 1848 e 1853. Esse passou a ocupar os edifícios da extinta Casa da Intendência e de Fundição do ouro, sendo estabelecido pelo professor Ricardo Júlio Duval, nascido na Inglaterra (DE OLIVEIRA CINTRA, 1982, SOBRINHO, 2000).

Alguns anos depois a Câmara Municipal ofereceu o prédio onde funcionou o Colégio Duval para se estabelecer o Externato em 1861, e por este fato, pode-se concluir o seu fechamento nessa ocasião. Porém, o nome do Colégio Duval continuou sendo utilizado simultaneamente com o do Externato de São João Del Rei por mais um tempo. É difícil afirmar o ano exato em que foi fechado o Externato; parece que foi em 1888, por ato governamental (SOBRINHO, 2000).

Funcionou nas instalações do antigo prédio do Externato de 20 de dezembro de 1832 a janeiro de 1920 o antigo 51º Batalhão de Caçadores hoje 11º Batalhão de Infantaria de Montanha. Já em 14 de março de 1925 foi criado o segundo grupo escolar de São João Del Rei, recebendo a denominação Grupo Escolar Dona Maria Teresa. Em 1942 a escola passa a receber a denominação tipológica de Escola Municipal Maria Teresa (SOBRINHO, 2000).

4.6 A praça no século XXI

A praça está inserida em área de entorno do Conjunto Arquitetônico e Urbanístico de São João Del Rei, tombado pelo IPHAN e inscrito no livro das Belas Artes, protegido pelo Decreto Lei Nº 25, de 30/11/1937 (IPHAN, 2012).

Em fotografia de 2017 (Figura 14) é possível notar que a praça mantém o mesmo formato de 1930, com forma trapezoidal de patamar único. A contenção do terreno é feita por um muro de arrimo de pedras, coberto por vegetação. O acesso à praça é realizado por meio de escada frontal e rampas laterais (IPHAN, 2012).

A diferença de nível entre a praça e a rua atualmente é marcada por um muro de arrimo. Apesar das transformações ocorridas ao longo dos anos, a praça conserva ainda parte do traçado com os caminhos pavimentados, os canteiros de vegetação rasteira, arbustiva e arbórea (IPHAN, 2012).

Apresenta pavimentação variada, internamente é composta por pedras irregulares, dificultando o trânsito na praça e o passeio que contorna a praça é de pedras portuguesas.

A partir da figura 14 é possível observar que o chafariz se encontra em parte de destaque na praça, no centro.

Figura 14 - Praça dos Expedicionários em 2017.



Fonte: Do autor (2017).

Possui uma grande diversidade de espécies arbóreas, arbustivas e de forração, sem um planejamento ordenado. O muro que divide a praça com o prédio no patamar de cima é forrado com samambaia (*Nephrolepis sp.*), costela de Adão (*Monstera deliciosa*). Espalhados nos canteiros estão azaleia (*Rhododendron simsii*), areca bambu (*Dyopsis lutescens*) cordyline (*Cordyline terminalis*), buxinho (*Buxus sempervirens*), ipê Rosa (*Handroanthus heptaphyllus*), palmeira real (*Archontophoenix cunninghamiana*).

4.7 Reforma atual

Desde fevereiro de 2016, a praça está em processo de reforma, com projeto proposto pelo arquiteto Marcos Aurélio Todorov Silva, da Consmara Engenharia.

Na fotografia de 2016 (Figura 15) é possível observar o início dessa reforma, assim como foi proposto no projeto, manter o mesmo piso de pedras irregulares, porém fazer uma faixa central de granito bruto na cor cinza para facilitar o acesso na praça. Seria mais indicado usar piso de cimento, supondo que esse tipo de piso já existiu na praça (Figura 7), e também facilitaria a circulação de pessoas no local, ou outra opção seria colocar piso de pedras portuguesas no interior da praça.

Figura 15 - Praça dos Expedicionários em 2016.



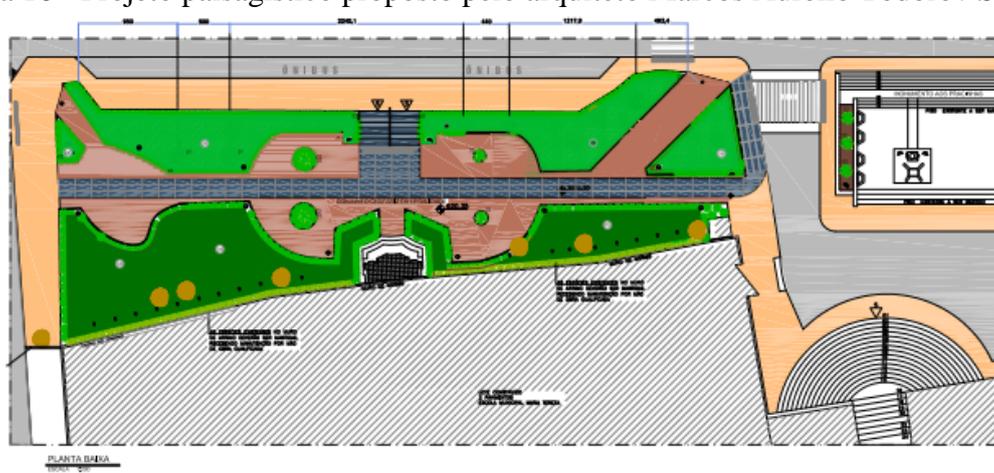
Fonte: Do autor (2016).

No novo projeto (Figura 16), é sugerido manter as plantas existentes no muro de arrimo, como as samambaias e costelas de Adão, que vão receber manutenção por mão de obra qualificada, sendo necessária poda e retirada de partes mortas e lixo que pode estar acumulado no local.

Foram retirados os bancos de cimento, mas não se tem informação se retornarão e qual será o seu design. O ideal seria colocar bancos de madeira no mesmo modelo daqueles que já existiram na praça nos anos 1930.

No lado esquerdo da praça, próximo a um dos portões que dá acesso à Escola Estadual Maria Teresa, havia uma pequena construção onde eram vendidas guloseimas, a qual foi demolida.

Figura 16 - Projeto paisagístico proposto pelo arquiteto Marcos Aurélio Todorov Silva.



Fonte: Secretaria da cultura de São João Del Rei (2016).

Na planilha botânica do projeto paisagístico (Tabela 1), as espécies sugeridas são: Ipê roxo, buxinho, clorofito. Poderia ter sido proposto o uso de ciprestes e a recomposição das sebes como existia na praça no seu projeto implantado em 1930 (Figura 7). Atualmente a praça possui uma diversidade de espécies que parecem ter sido plantadas nos canteiros sem uma lógica, seria interessante manter um baixo número de espécies, deixando o local mais organizado e mais limpo visualmente. O Ipê Roxo é uma espécie interessante de se plantar, que complementaria o Ipê Rosa existente atualmente na praça.

Tabela 1 - Planilhas botânicas e de urbanismo do projeto de revitalização da praça proposto.

LEGENDA DE ESPÉCIES - QUANTITATIVOS				
01		YPÊ ROXO <i>Tabebuia impetiginosa</i>	6M A 9M COPA 3M A 5M	5 und
02		BUXINHO <i>Buxus sempervirens</i>	MANTER até 1,2M	10 und
FORRAÇÕES				
03		CLOROFITO <i>Chlorophytum comosum</i> (Thunb.)	até 50CM	326,12m ²
05		GRAMA AMENDOIM <i>Arachis repens</i>	10 a 30CM	253,76m ²
06		GRAMA ESMERALDA <i>Zoysia japonica</i>	até 15CM	217,23m ²
URBANISMO				
		PASSEIO PEDRA PORTUGUESA.		829,74m ²
		RUAS ASFALTO		-
		PISO PRAÇA PEDRA IRREGULAR EXISTENTE		400,70m ²
		PISO INTERNO, ESCADA E RAMPA GRANITO BRUTO NA COR CINZA, PLACA 80X30CM.		124,46m ²

Fonte: Secretaria da cultura de São João Del Rei (2016).

O projeto proposto da reforma atual não teve um levantamento histórico e paisagístico formal realizado, perdendo assim alguns elementos e valores históricos. A realização do projeto de restauração, como de qualquer obra arquitetônica, deveria ter sido precedida por estudo da praça, estabelecendo a análise de sua posição no contexto territorial ou no tecido urbano, dos aspectos de sua construção, relativos à obra original, obtendo todos os dados históricos possíveis.

Este levantamento completo gera uma consciência do que é o patrimônio, tornando-o parte integrante da sociedade atual. Evidenciam-se assim os valores que se quer preservar, estabelecem-se as políticas de apresentação e interpretação e a estratégia de preservação (DELPHIM, 2005).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Poucas são as fontes existentes sobre a criação da praça e suas primeiras reformas. Esse foi um fator limitante para seu levantamento histórico e paisagístico com maior precisão.

A praça foge da regra da maioria das praças históricas brasileiras nascidas em frente a uma igreja, uma vez que é possível implicar que sua construção está relacionada ao prédio que se encontra no patamar superior da praça. Não foi encontrado registros de eventos religiosos que aconteceram na praça.

A partir das entrevistas realizadas foi possível perceber o zelo que os frequentadores têm com o local, demonstrando preocupação com a manutenção da praça e do chafariz, e buscando informações sobre o que está sendo proposto ao local.

A praça possui importância tanto para os moradores de São João Del Rei, que utilizam o espaço como local de lazer, quanto para os turistas que passam pela praça para apreciar a história da cidade. A reforma atual da praça deverá melhorar o aspecto da praça, que se encontra em mal estado de conservação.

Pelo fato da praça estar intrinsecamente relacionada ao prédio que hoje pertence à Escola Estadual Maria Teresa, antigo Colégio Duval, seria interessante ter atividades educacionais e lúdicas desenvolvidas na praça. É importante a integração das crianças com um espaço verde, criando vínculo com esse espaço e, assim, tendo cuidado com o mesmo.

6 CONCLUSÕES

A partir da análise dos relatos contados pelos entrevistados, dos documentos pesquisados e do material iconográfico consultado, foi possível concluir que, a Praça dos Expedicionários passou por muitas mudanças desde sua construção até os dias de hoje.

A primeira grande intervenção foi em 1930, com a mudança do Jardim do Batalhão em praça, passando de um local com grades e muitas espécies ornamentais em canteiros pequenos, para um local aberto com menos espécies ornamentais em canteiros maiores. Além da mudança estética o local sofreu uma mudança de apropriação da população. Já foi um local de uso controlado, apenas para soldados e depois passou a ser aberto à população.

Outra grande intervenção que ocorreu na praça foi a transferência do Chafariz da Legalidade. A praça teve algumas alterações na estrutura, para abrigá-lo. Além disso, o local precisaria de maior atenção e cuidado para a manutenção de um monumento histórico como este.

Atualmente a praça se apresenta bem diferente do original, que pode ser observado nos primeiros registros fotográficos encontrados. A vegetação e o mobiliário que compõe a praça encontram-se em mau estado de conservação e a reforma que está em andamento deve ser realizada com cautela para atender as mudanças

REFERÊNCIAS

- ARTEN, F de A C. Memória toponímica de Saint-Hilaire pelo caminho velho da Estrada Real. **Letras & Letras**, v. 26, n. 1, 2010.
- AZEVEDO, I T T. **Os jardins da cidade: do jardim privado aos espaços verdes enquanto elementos estruturantes do espaço urbano**. 2013. Dissertação de Mestrado.
- BURTON, R. F., 1821-1890. **Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho**; tradução de David Jardim Júnior. – Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001. 530 p. – (Coleção O Brasil visto por estrangeiros)
- CALAES, G. D.; OLIVEIRA, L. C. A Estrada Real e a transferência da corte portuguesa. In: A Estrada Real e a transferência da corte portuguesa: Programa Rumys - **Projeto Estrada Real. Rio de Janeiro: CETEM/MCT/CNPq/CYTED**, 2009. p.21-46.
- CALDEIRA, J M. **A praça colonial brasileira**. In: Universitas: Arquitetura e Comunicação Social. V.7, p. 19-39, 2010.
- CARVALHO, F de A. A Memória Toponímica dos Viajantes Naturalistas dos Séculos XVIII e XIX e a Estrada Real. **Literatura em Debate**, v. 3, n. 5, p. 31-46, 2013.
- COTA, D A.; DIÓRIO, A C D. Crescimento urbano na “pequena-média” São João Del Rei, MG: notas preliminares de uma pesquisa. **Anais do XII Seminário Internacional Red Iberoamericana de Investigadores sobre Globalización y Territorio (RII)**, 2012.
- COSTA, A. G. et al. **Os Caminhos do Ouro e a Estrada Real**. Kapa Editorial e Editora UFMG, Lisboa - Belo Horizonte, 244 páginas, 2005.
- DANGELO, A G. D. et. al. **Memória arquitetônica da cidade de São João del-Rei – 300 anos**. Belo Horizonte: e.43, 2014
- DA SILVA NASCIMENTO, F. POLÍTICAS DE PRESERVAÇÃO DE JARDINS HISTÓRICOS: O ATERRO DO FLAMENGO. **Anais do Seminário Internacional de Arquitetura, Tecnologia e Projeto**, v. 1, n. 1, p. 366-386, 2015.
- DE OLIVEIRA, A F B. O que se preservou em João Pessoa ou de quando a arte e a arquitetura definem o patrimônio cultural de uma cidade. **Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade. ISSN 2176-4174**, n. 8, 2012.
- DE OLIVEIRA CINTRA, S. **Efemérides de São João del-Rei**. Impr. Oficial, 1982.
- DELPHIM, C. F de M. Intervenção em jardins históricos: manual. **Brasília: IPHAN**, 2005.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Centro de Documentação e Informação**. Belo Horizonte, 2015. (Arquivos).
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Superintendência do IPHAN**. São João Del Rei, 2015. (Arquivos).
- INSTITUTO ESTRADA REAL. **Texto**. Disponível em: <www.instituto-estrada-real.com.br>. Acesso em: 20 jun 2015.

- INSTITUTO ESTRADA REAL. **Mapa da Estrada Real**. Disponível em: <www.instituto-estrada-real.com.br/estrada-real>. Acesso em: 16 mar. 2017.
- GARCIA C. S. G. Resgate histórico do Jardim da Avenida Tancredo Neves em São João Del Rei. Monografia de conclusão do Curso de Agronomia da Universidade Federal de Lavras, 2010
- GUIMARÃES, F. N. **Ruas de São João del Rei**. São João del Rei: FAPEC, 1994. 55 p.
- LASSUS, B. L'obligation de l'inventio: du paysage aux ambiances successives. In: BERQUE (Dir.). **Cinq propositions pour unethéorie du paysage**. Paris: Champ Vallon, 1994.
- LORENZI, H. **Plantas ornamentais no Brasil: arbustivas, herbáceas e trepadeiras**. Plantarum, 1999.
- LUCCOCK, J. fl. Séc. 19. **Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil**; tradução do prof. Milton da Silva Rodrigues, apresentação de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. – (Reconquista do Brasil. V.21)
- LUNGINBUHL, Y. **Paysage et identification, qualification et objectifs de qualités**. In: PAYSAGE et développement durable: les enjeux de la Convention européenne du paysage. Strasbourg: Conseil de l'Europe, 2006.
- MALDOS, R. Formação urbana da cidade de São João del Rei. São João del Rei: [s.n.], 1997
- MARTINS, S; IGLÉSIAS, F; MAZZONI, S. **Caminhos de Minas**. Ed. Publicações e Comunicações, 1992.
- MAYE, J. 1764-1829. **Viagens ao interior do Brasil**; tradução de Selena Bevenides Viana; prefácio de Mário Guimarães Ferri; introdução e notas de Clado Ribeiro Lessa. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.
- MONUMENTOS RELIGIOSOS, 2014 Disponível em <<http://www.guiadelrei.com.br/turismo-sao-joao-del-rei/monumentos-religiosos/>> Acesso em 23 de janeiro de 2016.
- MUNDIM, A. S. **Entrevista com Antonio Gaio Sobrinho**, Instituto histórico e geográfico de São João Del Rei, agosto de 2016.
- MUYLAERT, C. J. et al. Narrative interviews: an important resource in qualitative research. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, n. SPE2, p. 184-189, 2014.
- NUNES, J S. **O coreto na cidade de Lisboa** (Reintegração do equipamento no espaço público urbano). 2012. Dissertação (Mestrado em Design de equipamento) Universidade de Lisboa, 2013.
- PAIVA, P D de O. **História da Praça do Campus Histórico UFLA: aqui nasceu a universidade**. Lavras: Ed. UFLA, 2011.
- PEREIRA, H N. **Permanências e transformações nas cidades monumento: teatro social e jogos de poder** (São João Del Rei: 1937-1967). 2009. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Universidade Federal da Bahia, Salvador 2009.
- PIRES, H et al. O jardim, o coreto e a banda de música: diálogos entre cultura e natureza. **Jardins-Jardineiros-Jardinagem**, p. 28, 2014.
- RENGER, F. O quinto do ouro no regime tributário nas Minas Gerais. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, v. 42, p. 90-105, 2006.

SAINT-HILAIRE, A. de. **Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil**; tradução de Leonam de Azeredo Pena. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.

SALDANHA, N. O jardim e a praça: ensaio sobre o lado “privado” e o lado “público” da vida social e histórica. **Ciência & Trópico**, v. 11, n. 1, 1983.

SÃO JOÃO DEL REI. 300 anos / Abgar Antônio Campos Tirado, Betânia Maria Monteiro Guimarães, Mariluze Ferreira de Andrade e Silva [orgs.]. São João del Rei: **Academia de Letras de São João del Rei**, 2013. 176p.

SIMONSEN, R C. História econômica do Brasil: 1500-1820/Roberto C. Simonsen. – Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005 589 p. – (Edições do Senado Federal; v. 34)

SOBRINHO, A G. **Sanjoanidades**: um passeio histórico e turístico por São João del-Rei. São João del-Rei: A Voz do Lenheiro, 1996.

_____. **História da Educação em São João del-Rei**. São João del-Rei: FUNREI, 2000.

_____. **Visita à colonial cidade de São João Del Rei**. São João Del Rei: FUNREI, 2001.

_____. **São João Del Rei: 300 anos de histórias**. São João Del Rei: Edição do autor, 2006.

SODRÉ, N W; SCHENDEL, M. Formação histórica do Brasil. **Civilização Brasileira**, 1979.

VIEGAS, A. **Notícia de São João del-Rei**. 2. ed. Belo Horizonte: [s.n.], 1953. 232 p.

WALSH, R. **Notícias do Brasil**; tradução de Regina Régis Junqueira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1985.